VII Congresso Internacional de Educação
10 a 13 maio de 2017
Santa Maria RS - Brasil
EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: valorizando a vida na sociedade contemporânea
ISSN 2446-5542

Minicurso 6

CONSUMISMO E USO DE DROGAS: LAÇOS DA CONTEMPORANEIDADE

Marcelo Mendes Arigony*
Olinda Barcellos**

"O poder de fazer o bem quase sempre anda junto com a possibilidade de fazer o oposto". Amartya Sen

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre o consumismo e o uso de drogas. A sociedade contemporânea reflete uma época de individualismo e elevado consumo, representando um papel ímpar nessa vivência, pois os objetos consumidos são vistos como símbolos de sucesso e que traduzem uma felicidade que pode ser comprada. Essa é a época do consumo extremo que, na impossibilidade de concretização desse consumismo, resultará em conflitos. O uso intenso de drogas serve para amenizar esse imediatismo das relações contemporâneas, é uma espécie de anestesia aos conflitos de uma época solidificada em muralhas de algodão, quando o que importa é a embalagem, mesmo que o interior subjetivo esteja esvaziado.

Palavras-chave: Sociedade contemporânea. Consumismo. Uso de drogas.

Abstract: This article aims to analyze the relationship between consumerism and drug use. Contemporary society reflects an age of individualism and high consumption, representing a unique role in this experience, because the objects consumed are seen as symbols of success and that translate a happiness that can be bought. This is the era of extreme consumption that, in the impossibility of realizing this consumerism, will result in conflicts. The intense use of drugs serves to soften this immediacy of contemporary relations, it is a kind of anesthesia to the conflicts of an era solidified in walls of cotton, when what matters is the packaging, even if the subjective interior is emptied

Keywords: Contemporary society. Consumerism. Drug use.

* Professor da FAPAS. Doutorando pela UFSM. Delegado de Polícia – PC/RS. E-mail: marceloarigony@hotmail.com
** Professora da FAPAS. Doutora pela UFRGS. Escrivã de Polícia – PC/RS. E-mail: barcellos.olinda@gmail.com

Introdução

O consumismo na contemporaneidade apresenta uma relação estreita com o individualismo, com a busca do prazer e da felicidade, mesmo que muito momentânea. O consumismo como meio de construção de identidade é a formatação atual das relações de troca. Desde o início dos tempos, a sociedade se transforma, construindo-se socialmente. A sociedade contemporânea comporta-se de forma imediatista, líquida, no olhar de Zygmunt Bauman, colocando o consumismo na centralidade das relações, quando a pessoa tende a valorar mais os objetos consumidos do que a vida.

Nessa era atual, o uso de drogas pode servir como uma espécie de anestesia para o mal-estar dessa sociedade consumista. Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre o consumismo e o uso de drogas, para tanto, utiliza-se de referencial teórico para fundamentar o estudo do tema. O presente estudo está estruturado da seguinte forma, a partir dessa introdução: na primeira parte é a abordada a questão do consumismo na sociedade contemporânea, referenciada pela literatura como sociedade consumista; a segunda parte deste trabalho apresenta o conceito e a evolução das drogas na sociedade e o uso na sociedade consumista; por fim, as principais conclusões do tema de análise proposto.

1 Consumismo: a transformação contemporânea da felicidade

A felicidade se traduz no quanto de consumo de coisas uma pessoa tem condições de adquirir. O princípio da utilidade de Bentham e Mill[1], afirma que as ações são boas quando tendem a promover a felicidade, o bem estar máximo. A conquista da felicidade passa pelo cálculo da dor e do prazer, ou seja, "o padrão último de medida não é de forma alguma a utilidade e o uso, mas a 'felicidade', isto é, a quantidade de dor e de prazer experimentada na produção ou no consumo das coisas" (ARENDT, 2010, p. 386).

A transformação do consumismo possui relação com a ideia do ser feliz pelo consumo, da busca pela felicidade individual, de se importar somente com a busca do próprio bem estar e satisfação, sinônimos da utilidade. O consumismo da contemporaneidade tem relação com um dever de não sofrimento, de não mais entusiasmo pelo sentido comunitário das relações de trocas, e sim pelo individualismo do sentir-se bem.

[1] Jeremy Bentham e John Stuart Mill, clássicos pensadores do liberalismo do século XIX.

Os acontecimentos históricos da segunda metade do século XX e início do século XXI alteraram substancialmente o conceito de consumismo, anteriormente ligado à questão da produção e noção de limites no contexto da solidariedade. Os novos tempos fizeram despertar um consumismo como meio de construção de identidade; nas palavras de Conte (2006, p. 282), "é possível dizer que o consumismo surge como meio de construção de identidades; tanto mais poder os objetos adquirem quanto mais o interior subjetivo está esvaziado e exteriorizado".

No mundo moderno líquido compreendido por Zygmunt Bauman, as muralhas parecem conter algodão no lugar de ferro. Para o sociólogo, na sociedade que vivemos no século XXI, "as muralhas estão longe de ser sólidas e com certeza não estão fixadas de uma vez por todas; eminentemente móveis, parecem aos passantes divisórias de papelão destinadas a serem reposicionadas mais vezes segundo mudanças sucessivas de necessidades ou caprichos" (2003, p. 45).

A incerteza é um dos fundamentos nessa sociedade de risco, célebre expressão de Ulrich Beck[2]. No livro Comunidade, Bauman descreve com detalhes seu entendimento sobre a busca da segurança no mundo atual de incerteza, sendo que na análise dos guetos, nível mais baixo da comunidade, o autor destaca que "a guetificação é paralela e complementar à criminalização da pobreza; há uma troca constante de população entre os guetos e as penitenciárias, um servindo como grande e crescente fonte para a outra[3]" (2003, p. 109).

O consumismo se presta à compreensão de aproximação de mundos vizinhos e diferentes, entre o gueto e a sociedade mais abastada economicamente. A sensação de pertencimento pode ser concretizada por meio do consumismo, em que os objetos adquiridos e exibidos adquirem um valor externo importante de reconhecimento por parte dos desiguais. Quanto mais poder os objetos adquire externamente, mais os indivíduos se tornam esvaziados de autonomia do pensamento; a identidade está sendo construída por meio do consumismo, como bem destacou a psicóloga Marta Conte (2006).

O efeito embalagem que o consumismo proporciona vai além da simples aquisição de bens, Conte (2003) cita a literatura de Freud (1971) sobre a função social do consumo, em

[2] Sociólogo alemão que escreveu, entre outras obras, o livro Sociedade de Risco, onde defende que alguns elementos que antes eram tidos pela sociedade como pilares da sociedade moderna industrial foram substituídos por outros, a exemplo do indivíduo ser mais importante que a organização social e a necessidade de escolher entre família e trabalho, entre outros eixos alterados nessa nova sociedade, a qual ele descrever como de risco. A obra foi publicada na metade dos anos 80.

[3] "Guetos e prisões são dois tipos de estratégia de 'prender os indesejáveis no chão', de confinamento e imobilização". "Prisões são guetos com muros, e os guetos são prisões sem muros". (BAUMAN, 2003, p. 109).

particular o consumo de drogas, de anestesiamento do mal estar social, bem como possibilitam às pessoas uma ilusão de felicidade, pertencimento e mobilidade social. O consumo de objetos de marcas oferece glamour, status, virilidade e uma boa imagem perante os outros. Esse efeito embalagem parece ser um muro de autoproteção contra o distanciamento que a era do consumismo determina.

Na Teoria do Consumidor, área de estudo da Microeconomia[4], defini-se como consumo conspícuo quando bens são consumidos por serem caros, esse é o reflexo do poder da embalagem, do quanto é importante a imagem exterior na contemporaneidade.

A Revolução Industrial, os avanços da tecnologia, o aparecimento de outros mercados e a velocidade na produção dos bens, produziram um consumo em massa, alterando significativamente os significados de produzir (fabricar) e adquirir. Não somente o ato de comprar tornou-se diferente e mais rápido, o trabalho foi transformado pelo consumismo. O trabalhador precisa trabalhar muito mais horas, muitas vezes em mais de um emprego, para conseguir comprar os bens que entende que seja importante para sua vida, mesmo que, não tão raramente, nunca faça uso, mas o Marketing é mágico em conseguir criar necessidades nas pessoas que nem elas próprias sabem e nem sonham que possuem.

A criação de necessidades humanas que serão supridas pelo consumo resulta em mais horas de trabalho. A respeito disso, Arendt (2010, p. 165) referencia que após cem anos depois de Karl Marx, é possível constatar o seguinte raciocínio: "o tempo excedente do *animal laborans* jamais é empregado em algo que não seja o consumo, e quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e ardentes são os seus apetites"[5]. Nessa ótica, é difícil separar o trabalhador do consumidor, se tornaram um só. Mais trabalho, mais consumo; mais consumo, mais trabalho; o tempo de contemplação fica para trás, não é algo para se consumir.

A felicidade é o consumo, e como os objetos são produzidos de uma forma rápida e com lapso temporal cada vez menor, é necessário mais consumo para tornar as pessoas mais felizes. Na concepção de vida do século XXI, o consumismo ocupa um lugar perigosamente privilegiado, onde a utilidade se tornou serva da felicidade e a riqueza de uma nação não é mais o valor trabalho[6], mas sim o valor consumo.

---

[4] Consumo conspícuo é definido a partir dos determinantes dos gostos e preferências do consumidor, Teoria do Consumidor da grande área da Microeconomia (MANSFIELD e YOHE, 2006).

[5] Na leitura de Karl Marx, o *homo faber*, fabricante de bens duráveis, passou a se perceber como *animal laborans*, produtor de objetos feitos para serem rapidamente descartados, equilibrando o poder de compra individual ao ritmo acelerado da produção. Na leitura de Bauman, é a modernidade líquida. Ainda na leitura de Marx, tempo excedente do trabalhador é essencial na produção da mais-valia, basicamente, a composição do lucro do capitalista.

[6] Teoria do Valor Trabalho de Adam Smith, livro A Riqueza das Nações.

O consumo de drogas serve como uma espécie de anestesia do mal-estar dessa sociedade imediatista, destaca a psicóloga Marta Conte (2008, p. 133), questionando o seguinte: Como não pensar o toxicômano como o protótipo do que se propõe como valor de uma sociedade de consumo? Quando o consumismo se torna eixo central em uma sociedade, a pessoa tende a valorar mais os objetos conquistados pelo consumo do que o valor da vida.

A criminologia, estudo do crime como um problema social, apresenta várias teorias a fim de compreender a prática criminal, entre as diversas áreas de análise, a teoria econômica do crime tem como foco principal do estudo o indivíduo, pois ele faz escolhas e decide. Gary Becker[7] analisou a atividade criminal como uma atividade econômica, onde o indivíduo racional procura maximizar a função utilidade. Becker (1968) descreve a indústria do crime como uma atividade industrial normal, apenas ilegal, e a decisão de investir irá depender das expectativas de retorno que advirão. A indústria do crime é altamente prejudicial à sociedade, com elevados custos sociais, sendo o maior de todos os custos o consumo de drogas, afinal, na ótica neoliberal capitalista, quem movimento o sistema de uma economia de mercado é o consumidor, nesse caso, o consumidor de drogas.

Na sociedade de consumo, a felicidade é a compra constante de objetos que exige cada vez mais o tempo de trabalho e a exigência por sermos pessoas-profissionais, e quando as realidades vividas não correspondem às expectativas do mercado, o consumo de drogas ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas, sendo que esses indivíduos podem ter apenas dez, doze anos.

No próximo tópico trata-se da relação das drogas com o consumismo, partindo do entendimento que a sociedade sempre consumiu drogas, ou seja, as drogas acompanharam as transformações da sociedade.

2 Uso de drogas e o consumismo

O que é droga?

O uso de substâncias psicoativas e o trato de suas consequências representa um dos maiores desafios para a sociedade contemporânea. Poiares (1999), refere três dimensões das drogas - mercadoria, lúdica ou terapêutica e criminal, todas com algum reflexos deletério no

[7] A análise econômica da criminalidade teve início por volta dos anos 60, com o modelo teórico desenvolvido por Gary Stanley Becker (1968), economista e sociólogo norte-americano, professor da Universidade de Chicago, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1992, que estabeleceu os princípios teóricos da chamada Economia do Crime.

tecido social, considerada a complexidade inerente ao fenômeno drogas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua droga como toda substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre seus sistemas de forma a alterar seu normal funcionamento. As drogas não representam um mal em si, sendo muitas vezes utilizadas para fins benéficos, terapêuticos, no trato de doenças, com características medicamentosas.

O eventual malefício à saúde do usuário ocasionado pelo uso de drogas encontra-se relacionado com a quantidade e maneira de sua utilização, o que pode levar a classificá-las como venenos ou tóxicos, dentre outras diversas formas de taxionomia.

Há drogas lícitas (legais), vendidas livremente - como o álcool e o tabaco dos cigarros - e outras que podem ser comercializadas com algumas restrições ou prescrição médica, como muitas das substâncias vendidas em drogarias com finalidade medicamentosa. As drogas lícitas encontram aceitação social e cultural, sendo consumidas em larga escala na sociedade, sem causar alarme social, não obstante os efeitos nefastos que trazem quando do seu uso abusivo.

Noutra categoria, temos drogas proibidas ou submetidas à criteriosa regulamentação para seu uso. São as chamadas drogas ilícitas (ilegais), cuja comercialização, transporte, cultivo, armazenagem, posse para consumo e diversas outras condutas, em regra constituem crime com previsão na Lei 11.343/2006 - Lei de Drogas.

As drogas ilícitas representam um grande problema na sociedade contemporânea, sendo objeto de estudos e discussões relativas à criminalização do uso, tratamento de usuários e outras questões correlatas.

Observe-se que a alteração dos sistemas do organismo é o que caracteriza uma substância como droga, sendo consideradas psicoativas as que alteram o funcionamento cerebral - o estado mental - podendo ser referidos o álcool os opióides; os canabinóides; sedativos; cocaína; cafeína e anfetaminas; solventes voláteis; tabaco; e alucinógenos.

Ainda nessa linha, a influência das drogas sobre o sistema nervoso central nos leva classificá-las para fins didáticos em três níveis, como depressoras, estimulantes ou perturbadoras, conforme o efeito que desencadeiam no estado mental e comportamento dos indivíduos que eventualmente as utilize (KAPLAN, 1997).

As drogas depressoras afetam a atividade psíquica, diminuindo a capacidade intelectual, a concentração e atenção, além da tensão emocional, em razão de afetarem diretamente o sistema nervoso central do usuário. Nesse grupo encontramos narcóticos como ópio, morfina e heroína, além de substâncias vendidas em farmácias com receita médica,

como ansiolíticos e benzodiazepínicos. Temos ainda nessa espécie o álcool, substância que no Brasil só encontra restrição comercial aos menores de dezoito anos.

No campo das drogas estimulantes temos substâncias que afetam o sistema nervoso central incrementando a atividade cerebral e fazendo com que o indivíduo fique mais ativo. Podem ser assim classificadas todas as drogas derivadas da cocaína, a nicotina do tabaco, as anfetaminas e metanfetaminas, além da cafeína presente no café e em alguns chás.

No último grupo temos as substâncias perturbadoras, pois causam distúrbios de funcionamento no sistema nervoso central, que passa a funcionar de maneira desordenada. A relação tempo-espaço é afetada pela influência que essas drogas exercem no individuo, o qual fica desorientado e lento, pela perturbação na percepção e nos sentidos. Essas drogas afetam o pensamento, a concentração, a memória e a capacidade de ação. Nesse grupo temos o ecstasy, a maconha, o acido lisérgico (LSD), as plantas alucinógenas - mescalina, chacrona e ayahuasca - além de alguns tipos de cogumelos tóxicos.

2.1 As drogas ao longo da história e o consumo na sociedade contemporânea

O contexto, forma, motivos e objetivos do consumo de drogas, bem assim a percepção sobre seu malefício ou não, varia ao longo da história, com reflexos na família, religião, economia, direito, política, artes, criminalidade, (ESCOHOTADO, 2004). Nessa linha, importante destacar que a lente da sociedade muitas vezes leva a uma visão equivocada sobre o que são drogas perigosas, estigmatizando substâncias ilícitas como maconha e cocaína enquanto analgésicos, antidepressivos, antibióticos e até o próprio álcool representam um problema social de maiores proporções.

Sequeira (2006) leva a uma reflexão sobre as drogas, quando destaca seu entendimento no sentido de que a componente mais tóxica de uma droga é a sua representação social, no mais se trata apenas de uma substância com determinadas propriedades que exercem influência no funcionamento do organismo humano.

Poiares (1999) trata dos significados, dimensões e formas de consumo de drogas, referindo que na contemporaneidade o fenômeno assume tripla dimensão, ligada aos aspectos lúdico e terapêutico; mercadológico; e de objeto de origem da criminalidade. Observa-se assim que a evolução do fenômeno relacionado às drogas alem do contexto histórico-cultural, mostra-se matizado por vieses políticos, científico e econômico (Morel, Boulanger, hervé e Tonnelet, 2001).

O uso de distintas substâncias psicoativas, com distintas finalidades, capazes de levar à

dependência é uma constante na cultura próprias das sociedades, desde os tempos mais remotos, no transcurso da história. (MACRAE, 2003). Todavia, a partir da contemporaneidade a dinâmica do fenômeno drogas assumiu contornos preocupantes, por características e consequências que não são encontradas em outros contextos históricos socioculturais.

Nos primórdios e por muito tempo o uso de substâncias psicoativas era tido como meio para a ligação entre a vida real e a vida prometida. No mesmo sentido, Poiares (1999) refere o uso de drogas para conexão com as divindades e com os mortos. Evoluiu-se para contextos em que as substâncias psicoativas passaram a ser usadas com finalidades festivas e terapêuticas, culminando na assunção de papel importante na medicina científica.

Vem da Grécia antiga a definição de droga, definida por Platão como *phármaka*, substância cujos efeitos podiam ser benéficos ou prejudiciais, oscilando do remédio ao veneno a depender do uso, da dose, da pureza, das condições, razões e maneira de utilização, inclusive considerando normas culturais relativas ao seu uso.

A ciência médica fundada por Galeno e Hipócrates definiu droga como a substância que não sendo vencida pelo organismo humano, teria capacidade de vencê-lo (ESCOHOTADO, 2004). Os registros científicos apontam a descoberta de um jarro de cerâmica com resíduos de vinho datado de 5400 a 5000 A.C. como a mais antiga evidência de susbstância que pode ser classificada como droga (COLAVITTI, 2003).

Angel, Richard e Valleur (2002) fazem referência a um ideograma datado de 5000 A.C., no qual a civilização suméria destacava o ópio como substância do regozijo e da alegria, além de outras substâncias que eram ministrados com fins medicinais desde o século X A.C. Fibras de cânhamo encontradas na china, datando de 4000 A.C. denotam que esse provavelmente tenha sido um dos primeiros povos a utilizar a maconha e o haxixe, oriundos desse vegetal da família das canabáceas.

Achados em tabuletas de argila demonstram que por volta de 2100 A.C médicos sumérios receitavam cerveja como medicamento para curar vários males. Em 2000 A.C. Gregos, hindus e mesopotâmios utilizavam o cânhamo por seus fins medicinais, sendo considerado fonte de coragem e prazer. O Papiro Ebers, de 1500 A.C. (* o que é), demonstra que os egípcios também utilizavam o cânhamo, como produto para contornar a fome, a fadiga e também para esquecer preocupações. Já os assírios, utilizavam-no como anestésico e em rituais sacros (Pérez-Cajaraville, Abejón, Ortiz e Perez, 2005).

Os poderes da cocaína também são conhecidos desde a antiguidade. A folha da coca faz parte do costume indígena de alguns povos na America do Sul, tida como presente dos

Deuses e mastigada para evitar, fome, fadiga, sono e evitar os efeitos da altitude. Há registros arqueológicos sobre o achado de folhas de coca em tumbas de índios sulamericanos de 600 a.C.

Já na baixa idade média, a farmacologia encontrou nas plantas substâncias anestésicas e sedativas, por vezes também associadas a rituais religiosos, demoníacos e exorcistas. Angel, Richard e Valleur (2002) destacam a mandrágora e o nenúfar. Com a ascensão do modelo mercantilista e da era dos Descobrimentos, diversas novas substâncias além do tabaco e do chá foram levados ao continente europeu, o que representa um importante marco relacionado a conhecimento e uso de substâncias com efeitos sobre o organismo humano.

Cristóvao Colombo observou o uso do tabaco por indígenas durante suas navegações pelos mares do Caribe em 1492. A seguir, no século XVI, o uso da coca é relatado na Europa por Américo Vespúcio, enquanto o ópio é trazido do Oriente e passa a ser fumado em Portugal. Por volta de 1550 um embaixador Francês em Portugal envia sementes de tabaco para Paris, disseminando seu cultivo e uso.

Poiares (1999) observa que nos séculos XVII e XVIII o uso de drogas era restrito a um pequeno número de consumidores, num contexto diverso da contemporaneidade. O gim, inventado na Holanda no século XVII passa a ser um problema social na Inglaterra, causando problemas sociais decorrentes do alcoolismo. Já em meados do século XIX o pesquisador francês Moreau de Tours publicou inédito estudo sobre a relação entre as drogas alucinógenas e a percepção humana. Entre 1850 e 1855 a cocaína passa a ser extraída da folha de coca, indiciando-se sua produção e rendendo ensejo a estudos e publicação científica por parte de Sigmund Freud, em 1884, sob o titulo "Über Coca", o qual relacionava a substância ao tratamento da ansiedade e da depressão.

No Oriente o cânhamo, que havia caído em desuso há alguns séculos, volta a ser bastante consumido como planta medicinal, voltado ao tratamento de doenças psíquicas, além de asma e tosse. A cocaína, além do uso anestésico disseminado pela Europa, passou a compor algumas substâncias com fins comerciais, a começar por tônicos (ALDRIGE, 2001), seguindo-se sua inclusão na fabricação original do refrigerante mundialmente conhecido como coca-cola, lançado nos Estado Unidos pelo farmacêutico John Pemberton em 1884 e relançada em 1886.

Seguiu-se no século XIX um período global em que o ópio, a cocaína e outras drogas passaram a ser consumidos em grande escala, substituindo inclusive o álcool, especialmente entre os mais altos segmentos da sociedade, não obstante as primeiras preocupações com os eventuais malefícios advindos do seu uso (FARATE, 2001). O tabaco, que até então era

fumado em cachimbos e aspirado em forma de rapé, passa a ser ingrediente de cigarros e charutos.

Várias circunstâncias que levaram à generalização do consumo de drogas, incluindo o modismo e as guerras. A guerra de Secessão ocorrida nos Estados Unidos da America entre 1861 e 1865 levou ao uso indiscriminado de morfina, dando origem à chamada doença do exército, dada a maciça dependência criada nos usuários. Na mesma época surgia a heroína, fabricada pela empresa farmacêutica Bayer, como medicamento contra a tosse. Sua potência era muitas vezes superior à da cocaína (ESCOHOTADO, 2004)

Em 1874 o Ópio é proibido em San Francisco, nos Estado Unidos; na Inglaterra é fundada uma sociedade para supressão do seu comércio e quatro anos depois inicia uma incipiente produção legislativa restringindo o uso dessa substancia entre os ingleses. Em 1901 a cocaína foi retirada da fórmula original da coca-cola que havia sido lançada quinze anos antes.

O ecstasy teve seu antecessor fabricado em 1912, pela indústria farmacêutica Merck, que patenteou seu principio ativo, denominado MDMA, como redutor de apetite. O produto não chegou a ser comercializado, sendo utilizado em testes do governo americano como agente em uma eventual guerra química. depois objeto fabricação iniciada entre 1965 e 1977, a partir de pesquisas científicas feitas em segredo, para não alertar os órgãos governamentais. O ecstasy foi nesse momento pensado para ser utilizado por psicoterapeutas, como "droga da leveza".

Os registros de cocaína utilizada na forma aspirada datam do inicio do século XX, havendo relatos médicos dos primeiros casos de danos nasais em 1910, seguindo-se o uso abusivo da droga e sua proibição pelo Governo Estados Unidos em 1912. Em 1942 estimava-se a morte de 5000 americanos pelo uso de cocaína. Seguiu-se em 1930 um movimento pela proibição da maconha, também iniciado nos Estados Unidos, alcançando praticamente toda a cultura ocidental.

A comercialização de anfetaminas, por sua vez, também teve início nessa época, por volta de 1930, seguida pela descoberta dos poderes do ácido lisérgico (LSD), entre 1938 e 1943, pelo químico suíço Albert Hofmann. Entre as décadas de 1950 e 1960 são realizados os primeiros achados científicos relacionando o fumo com o câncer de pulmão. Em 1956 e 1965 o Governo americano veda todo e qualquer uso de heroína e LSD, respectivamente, tornando-as drogas proscritas.

Angel Richard e Valleur (2002) obervam que o movimento dos hippies generalizou o uso de drogas, nos anos 1960, proporcionando sua expansão a todas as classes sociais e faixas

etárias, especialmente em meio a usuários mais jovens. A heroína foi sintetizada na Inglaterra por C.R.A. Wright, oriunda da junção de um ácido semelhante a vinagre com morfina. Na década de 1970 iniciou um processo de glamourização da cocaína, que foi progressivamente tornando-se mais acessível, contribuindo para sua popularização e disseminação nos Estados Unidos e no mundo até os dias de hoje.

Nos anos 1980 houve a proliferação das drogas sintéticas, marcando uma nova fase na história, com a produção maciça e acelerada de novas substâncias psicoativas, produzidas e manipuladas laboratorialmente com baixo custo, chegando aos usuários por redes ilegais, com os mais diversos e perigosos efeitos sobre o organismo humano. Ainda nessa década surge o crack, subproduto da cocaína em forma de pedra para ser fumada, droga de baixo custo e acessível às camadas sociais mais baixas, com altíssimo índice de dependência.

Em 1984 a Holanda faz história, ao liberar o comércio e consumo de maconha em coffee shops, estabelecimentos credenciados específicos para tal fim. No mesmo ano o ecstasy é popularizado nos Estados Unidos, sendo imediatamente proibido, considerado uma das drogas mais perigosas.

A partir da década de 1990 o consumo de drogas ganhou novos e preocupantes contornos, ganhando progressivamente as ruas das nossas cidades, embalado pelo consumismo da sociedade moderna, disseminado entre crianças, jovens e adolescentes, tendo influência marcante sobre o comportamento social e sobre as estatísticas criminais, as quais sofreram abrupto incremento especialmente em razão do crack que é produzido como subproduto da cocaína.

Conclusão

O presente artigo se propôs analisar a relação entre o consumismo e o uso de drogas na contemporaneidade. A característica principal da sociedade que está se analisando é ser consumista, onde a felicidade pode ser encontrada na compra de objetos, a qual exige mais e mais tempo de trabalho. Nessa sociedade, somos pessoas-profissionais, sendo que quando as realidades vividas não correspondem às expectativas do mercado, o consumo de drogas pode vir a ocupar um lugar de destaque na vida das pessoas, como uma forma de anestesia do mal-estar da frustração, resultado do conflito gerado entre as expectativas de sucesso e os meios para conquistá-los.

O consumismo da contemporaneidade está fundamentado no individualismo, na busca incessante pelo sentir-se bem indefinitivamente. Os acontecimentos históricos nos últimos

anos do século XX e início do século XXI modificaram o conceito de consumismo, antes vinculado à produção, e agora como meio de construção de identidade.

A sociedade consumista consome muita droga, seja ela lícita ou ilícita. O malefício ocasionado pelo uso de drogas encontra-se relacionado com a quantidade e maneira de sua utilização. As drogas lícitas ou legais, como o álcool e o cigarro, principalmente, são aceitas culturalmente, sendo consumidas em larga escala na sociedade, sem causar alarme social sobre os efeitos nefastos resultado de seu uso abusivo. As drogas ilícitas representam um grande problema na sociedade contemporânea consumista, principalmente pelo caráter econômico desse comércio.

Conclui-se que a sociedade contemporânea consumista é individualista, imediatista, não durável, de grande valor à embalagem, onde a felicidade é o consumo, mesmo sendo de drogas; afinal, essas substâncias anestesiam os conflitos numa época de muralhas de algodão. É preciso que se pergunte: por que estamos usando muita droga?

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Revisão e apresentação Adriano Correia. 11. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ANGEL, P., Richard, D. e Valleur, M. **Toxicomanias**. Lisboa: Climepsi Editores, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: A busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar Editor, 2003.

BECKER, Gary S. Crime and Punishment: An Economic Approach. **The Journal of Political Economy**, Vol. 76, No. 2 (Mar. - Apr., 1968), pp. 169-217 Published by: The University of Chicago Press.

COLAVITTI, F. Vinho: um longo capítulo na história da medicina. **Galileu**, n. 140, p. 14-21, mar. 2003.

CONTE, Marta. Consumismo, violências e uso de drogas: os riscos do neoliberalismo. **Filosofia Unisinos,** 7 (3): 281-286, set/dez, 2006.

_____. Desafios na Juventude: drogas, consumismo e violências. **Educação e Realidade**. 33 (2): 131-146, jul/dez, 2008.

CANO, I., SOARES, G. D. **As teorias sobre as causas da criminalidade**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002, Manuscrito.

ESCOHOTADO, **Antonio**: História elementar das drogas. Portugal: Editora Antigona, 2004.

KAPLAN, M. Tráfico de drogas, soberania estatal, seguridade nacional. **Sistema**, n.136,1997.

MACRAE, EDWARD. **Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos** .2003. Disponível em: <http://www.each.usp.br/opuscorpus/PDF/f5p1.pdf>. Acesso em: abr. 2017.

MANSFIELD, Edwin e YOHE, Gary. **Microeconomia**: Teoria e Aplicações. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo. Editora Saraiva, 2006.